

LEGALMENTE LOIRA: UMA COMÉDIA-ROMÂNTICA?

João Antonio de Santana Neto¹
Ada Marques Porto Leal²

A partir do aporte teórico da Semiótica greimasiana, o presente trabalho propõe-se a analisar o filme *Legalmente loira* (USA, 2001), especialmente o percurso da personagem protagonista e os processos de tematização e figurativização apresentados no *corpus* escolhido para análise.

Na concepção de Greimas, a Semiótica tem por objeto o texto, procurando descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz. A Semiótica, portanto, “tenta determinar as condições em que um objeto se torna objeto significante para o homem” (BARROS, 1988, p.13). Dando continuidade a algumas idéias de Saussure e de Hjelmslev, Greimas não encara “a linguagem” como sistema de signos, mas a aborda como sistema de significações, oriundas das relações estabelecidas no texto.

A busca do Percurso Gerativo do Sentido é apresentada por Barros (1988, p.15-20) como uma superposição de níveis diferentes de profundidade, que se articulam segundo um percurso que vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto. O nível semiótico comporta três etapas necessárias para a clareza da explicação do percurso: a das estruturas fundamentais, instância mais profunda, em que são determinadas as estruturas elementares do discurso; a das estruturas narrativas, nível sintático-semântico intermediário, e a das estruturas discursivas, mais próximas das manifestações textuais. São lugares diferentes de articulação de sentido, que pedem a construção, no interior da gramática semiótica, de três gramáticas – fundamental, narrativa e discursiva –, cada qual com dois componentes, ou seja, uma sintaxe e uma semântica.

Partindo do princípio que o texto é o objeto de estudo da Semiótica, convém caracterizá-lo. Um texto define-se de duas maneiras complementares: pela organização ou estruturação, que faz dele um todo de sentido, e como objeto da comunicação entre um enunciador e um enunciatário.

A primeira concepção de texto faz com que seu estudo se confunda com o exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como um todo de sentido. A esse tipo de descrição tem-se atribuído o nome de análise interna ou estrutural do texto.

A segunda concepção, objeto da comunicação, coloca o texto como um dos objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por informações ideológicas específicas. Nesse caso, o texto precisa ser examinado em relação ao contexto sócio-histórico que o envolve e que, em última instância, lhe atribui sentido. Trata-se da análise externa do texto.

A cadeia significante produz textos que trazem consigo a memória da intertextualidade que os alimenta. Textos que geram, ou podem gerar, variadas leituras e interpretações. Afirma-se, então, que a significação passa apenas por meio dos textos; que os textos são o lugar onde o sentido se produz e produz (prática significante), e que, nesse tecido textual, pode-se deixar aflorar de novo os signos do dicionário, enquanto equivalências codificadas, desde que haja o enrijecimento e a morte do sentido. Um texto, nesta visão, não é, apenas, um aparato de comunicação. É um aparato que questiona os sistemas de significações preexistentes a ele, freqüentemente os renova e, às vezes, os destrói.

A Semiótica tem por objetivo a exploração do sentido. Isto significa, em primeiro lugar, que ela não se reduz somente à descrição da comunicação; englobando-a, ela deve igualmente dar conta de um processo muito mais geral, o da significação.

¹ Professor Dr. do Curso de Letras e membro do Núcleo de Estudos da Análise do Discurso – NEAD/Universidade Católica do Salvador – UCSal e da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

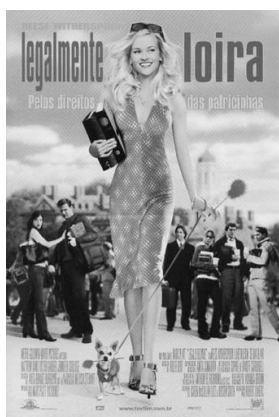
² Mestranda de Ciências da Família e membro do Núcleo de Estudos da Análise do Discurso – NEAD/Universidade Católica do Salvador – UCSal, e professora da Faculdades Hélio Rocha.

Os valores assumidos por um sujeito na semântica narrativa disseminam-se, sob a forma de temas, em percursos temáticos e são recobertos por figuras no nível discursivo. A tematização garante a manutenção semântica e a figurativização permite o acréscimo de sentido previsto na conversão do narrativo ao discursivo. Segundo Barros (1988, p. 115), “tematização é a formulação abstrata de valores, na instância discursiva, e sua disseminação em percursos. É possível, a partir de um mesmo valor, obter-se mais de um percurso temático”.

Sabe-se que não há textos temáticos. O que existe são textos com graus diferenciados de figurativização. Assim, os textos científicos são considerados textos de figurativização esparsa e as crônicas, os contos, as fábulas, os filmes são considerados textos totalmente recobertos por figuras.

Convém salientar que o processo de figurativização possui gradação. Assim, a instalação pura e simples das figuras semióticas, isto é, a passagem do tema à figura, chama-se figuração e iconização é o revestimento exaustivo com a finalidade de produzir ilusão referencial.

O filme que compõe o *corpus* análise do presente trabalho apresenta o processo de figurativização. O processo temático da personagem-protagonista Elle Woods (Reese Whitherspoon) apresenta quatro etapas que podem ser definidas como:



Etapa	Tema	Local
Manipulação	Sonhos e fantasias de Elle	Beverly Hills
Competência	Mudança de atitude	Harvard
Performance	Atuação no tribunal	Boston
Sanção	Realização pessoal e profissional	Harvard

O filme inicia-se em Beverly Hills – Califórnia – e apresenta a situação: Elle Woods, uma jovem naturalmente loira, rica, extremamente interessada em moda, querida pelas amigas, acredita que será pedida em casamento naquela noite. Esta situação pode ser definida como os “sonhos e fantasias românticas de Elle”, que representa o imaginário coletivo feminino. Pode também se estabelecer uma intertextualidade com a *Bela adormecida*, visto que a personagem representa a “princesa moderna” – jovem, rica, bela e feliz -, que sonha com o príncipe encantado como forma de se realizar através do casamento.



Entre provas de amizade das colegas da Irmandade, ansiedade e alegria, Elle e duas amigas vão comprar um “vestido para a noite especial”. Na loja, a vendedora faz o seguinte comentário: “Adoro loiras burras com o cartão de crédito do pai”. Ao tentar vender um vestido a Elle como sendo um “lançamento exclusivo”, é interrogada sobre o tecido e o tipo de costura. Ao dar as respostas erradas, a vendedora é desmascarada por Elle, que demonstra que ela pode ser fútil e loira,

mas não é burra. Com esta cena, fica evidente a quebra com o estereótipo; tal ruptura visa a parodiar a invariante. O que acrescenta outra qualidade à imagem de “princesa moderna”: inteligência.

Durante o jantar com o namorado, Warner Huntington III (Matthew Davis), no qual acreditava que seria pedida em casamento, o rapaz termina com Elle, dizendo que ele quer ser senador aos trinta anos e que necessita de uma esposa séria ao seu lado e que Elle é fútil demais. E justifica: “Senadores casam-se com Jaqueline e não com Marilyn”. Fica evidente a intertextualidade com a situação do Senador e Presidente norte-americano John Kennedy, ao qual Warner quer imitar. Enquanto Elle age pela paixão, Warner age pela razão.

A rejeição do namorado é o elemento desencadeador da mudança na situação de Elle ao ver os seus sonhos de princesa desmoronarem. Elle crê ser uma pessoa inteligente e interessante, mas descobre que ela deve provar que é inteligente. Estabelece-se, então, a manipulação da personagem, que necessita adquirir a competência a fim de realizar a ação, ou seja, uma vez rejeitada, Elle deve aprender como reconquistar o seu “príncipe encantado”.

O caminho escolhido pela personagem para provar ao ex-namorado o seu valor e reconquistá-lo é tentar uma vaga para o Curso de Direito na Universidade de Harvard. Tem-se, então, dois estereótipos: 1) um curso considerado sério, conservador e conceituado, um símbolo da educação norte-americana, e 2) uma garota fútil, moderna, loira natural. Tal fato pode ser comprovado na cena em que os pais de Elle ficam perplexos com o fato da filha querer ir para Harvard, visto que para eles “Direito é um curso para pessoas chatas e feias”. Observam-se, então, várias oposições: costa leste vs. costa oeste; feio vs. belo; tradicional vs. moderno; chato vs. divertido; inteligência vs. burrice; seriedade vs. futilidade.



Após passar por todo o processo seletivo, o qual exigiu um esforço pessoal muito grande da personagem, Elle é aceita como aluna do Curso de Direito em Harvard. Em sua primeira aula no Curso de Direito, na qual é humilhada pela professora, Elle entra em contato com a frase de Aristóteles: “A lei é a razão livre da paixão”. Essa frase possui extrema importância no desenrolar da narrativa e será retomada na altura devida. E a professora acrescenta: “a lei dá espaço para interpretação”, assim como o polissêmico título do filme: *Legalmente loira*.

A figurativização dos demais alunos do Curso de Direito, com seus tons sóbrios e/ou pastéis, contrasta com a figurativização de Elle, demonstrando a diferença de valores e os estereótipos. A oposição entre futilidade vs. seriedade fica, então, figurativamente evidenciada.

Ao ver frustrada a sua tentativa de reconquistar Warner, que se encontra noivo de Vivian Kensington – uma garota morena, reconhecidamente séria e inteligente (figurativização do estereótipo Jaqueline Kennedy), Elle decide continuar a sua luta pela posse do objeto-valor, Warner Huntington III, o qual significa a realização dos seus sonhos de princesa. Para tanto, ela deve vencer em Harvard. A Universidade funciona como o programa narrativo da competência, ou seja, a aquisição do saber e do poder para realizar o seu objetivo. Dedicar-se aos estudos e submete-se à seleção para estagiar no escritório do Professor Callahan (Victor Garber), sendo aceita juntamente com Warner e Vivian. Trata-se da sua primeira vitória. Conquistada com um currículo cor-de-rosa e perfumado, numa paródia ao mito moderno do “diferencial”, tão acalentado nos meios acadêmicos.

O programa narrativo da performance é iniciado. Durante esse estágio, o escritório de advocacia do Prof. Callahan é contratado para defender a Sra. Brooke Taylor Windham (Ali Larter), acusada de haver assassinado com um tiro o seu esposo, 32 anos mais velho. Trata-se de uma causa muito importante devido à classe social do assassinado. A acusada pertenceu à Irmandade a qual Elle também pertenceu e é admirada por esta devido ao seu programa de ginástica.

Nas sessões para discussão do caso, o Prof. Callahan sempre pede a Vivian, noiva de Warner, que lhe sirva café e outras atividades ligadas ao estereótipo das tarefas femininas. Tem-se, então, a oposição entre papéis masculinos vs. feminino. Contudo nunca pede a Elle. Tem-se, então, a diferenciação de papéis femininos: Vivian, morena, – atividades femininas do lar vs. Elle, loira, -

atividades femininas fora do lar. Percebe-se, também, uma tentativa de Elle em adaptar-se ao seu novo papel de estagiária de Direito pelo uso de roupas com cores mais sóbrias, elegantes.

A acusada alega possuir um álibi, mas recusa-se a revelá-lo. Elle toma a iniciativa e vai até a prisão e a faz dizer-lhe qual é o álibi: estava fazendo uma lipoaspiração. O motivo da recusa em revelar o álibi está na desmoralização profissional de uma pessoa dedicada a ensinar como conservar a boa forma física. Tal fato evidencia a importância que a futilidade possui, mesmo nas situações mais sérias. Elle entende e promete não revelar nada e mantém sua palavra. Tal fato começa a despertar o respeito de Vivian, que até então não a tinha em bom conceito.

Durante uma das sessões do julgamento, Elle consegue fazer desacreditada a principal testemunha, que alegava estar tendo um relacionamento sexual com a acusada, ao descobrir que ele era homossexual. Isso porque ele revela que conhece a marca do sapato usado por ela. Tem-se, então, o papel do não-masculino.



Tal fato desperta o respeito de todos e de Vivian, neutralizando a antipatia natural ao triângulo amoroso. Mas o Prof. Callahan assedia sexualmente Elle, numa afirmação do papel masculino, e esclarece o motivo pelo qual ele não solicitava café e outras atividades do campo doméstico associado às “donas de casa”: os favores que ele queria da loira eram ligados à sexualidade, figurativizando a frase proferida por Warner no momento do rompimento do namoro: “senadores se casam com Jaqueline e não com Marilyn”. A conversa é ouvida por

Vivian, que pensa que os dois estão tendo um romance. Indignada, Vivian briga com Elle, que, humilhada e decepcionada, resolve abandonar tudo e voltar para Beverly Hills. Ao desabafar com sua amiga manicure, Elle é ouvida pela professora que a havia humilhado na sua primeira aula em Harvard. Esta professora a estimula a não desistir e a provar seus valores.



O assédio é descoberto por Vivian, pelo assistente do Prof. Callahan e pela acusada. Na sessão seguinte ao julgamento, a acusada afasta o Prof. Callahan e contrata Elle como sua advogada. Esta, após alguns momentos de insegurança, consegue que a filha da vítima se confunda e confesse que cometeu o crime. A verdade vem à tona porque Elle descobre que ela mentiu quando afirmou que estava lavando os cabelos na hora do crime, sendo que ela havia feito “um permanente” pela manhã do mesmo dia. Isso revela que os conhecimentos sobre moda e beleza de

Elle podem servir ao Direito.

Inicia-se, então, o programa narrativo da sanção. Elle ganha a causa, a acusada é inocentada e sai livre do tribunal. Warner se arrepende do término do namoro – a rejeição – e pede para reatar com ela. Mas Elle descobriu os seus valores adormecidos – o amor-próprio e a auto-estima – além de reafirmarem a sua lealdade, honestidade e inteligência: agora é ele que não é bom o bastante para ela. Ao término do filme, Elle forma-se com louvor em Harvard, tem uma excelente proposta de emprego e será pedida em casamento naquela noite pelo antigo assistente do Prof. Callahan. Em seu discurso de formatura, como oradora da turma, Elle retoma a frase de Aristóteles e a estiliza:



[...]sem querer contrariar Aristóteles... A paixão é fundamental para o estudo e aplicação da lei para a vida. É com paixão forte, convicção e autoconhecimento que vamos dar os próximos passos no mundo, lembrando de não confiar nas

primeiras impressões, devemos sempre ter fé nas pessoas e o mais importante, devemos ter fé em nós próprios.

No início do filme é desencadeado um estado de disjunção, visto que Elle pensa que o namorado irá pedi-la em casamento e sonha com isto, mas não é o que acontece e fica decepcionada. Após a rejeição, Elle não desiste fácil e tenta provar que não é loira “burra” – tenta mostrar que é capaz, mas faz isso com a intenção de reconquistar o que pensa ser o grande amor da sua vida, afinal, deseja casar-se. Pode-se observar o percurso da personagem de relativamente fútil (afinal, já se comprovou pelas atitudes que não é tão burra assim) a inteligente:

Percurso da loira burra	Percurso da loira inteligente
Sonha com o príncipe encantado e faz tudo em função deste.	Permanece com o sonho de encontrar o príncipe, mas não faz tudo em função dele, faz pensando em si.
Conhece todas as futilidades. Valoriza a aparência.	Aproveita dos conhecimentos fúteis. Tira proveito das aparências.

No final do filme há o estado de conjunção com o velho sonho de casar-se e percebe-se isso no percurso figurativo da loira inteligente, no qual se comprovou ser este o tema subjacente a essas “duas loiras”. No caso do filme, as figuras manifestam o mesmo tema, “o amor romântico”.

Pode-se evidenciar isso, na formatura, quando Elle (oradora da turma) pronuncia um discurso e fica evidente a comprovação da valorização do sentimento, da paixão em tudo que se faz e não mais só a paixão pelo “outro”, mas a paixão por si mesma, por aquilo que acredita.

Não há como negar, no entanto, a presença desse outro quando, na cena final, após o seu discurso, a expressão de satisfação de Elle transparece na sua fisionomia, com a câmera fechada e o caracter: “ele vai pedir Elle em casamento esta noite”. Essa passagem é fundamental para a reflexão sobre o título do filme “Legalmente loira” e a sua classificação como “comédia romântica”; primeiramente, porque remete ao início do filme, quando Elle pensa que aquele que amava faria tudo por amor iria pedi-la em casamento e, em seguida, quando é posto que “naquela” noite será pedida em casamento, e não é mais “aquela outra anterior”. Percebe-se que a concretização do sonho de casar-se será realizada, e que não deixou em momento algum de existir.

Até se pode pensar que o filme é uma demonstração da liberdade feminina, de um grito de independência, mas logo se percebe que não é tanto assim. Trata-se da figurativização da busca pelo ponto de equilíbrio entre os vários papéis sociais da mulher: a sua realização profissional e a sua realização como esposa. Agora não se pode dizer que é igual a antes, uma vez que Elle desperta para outros aspectos importantes da sua vida que estavam “adormecidos”: “Isso é bem melhor”, “Que tal tentar ser alguém que você é”. Elle não é mais, em parte, como era antes, afinal descobriu-se e aprendeu a se valorizar. Agora é outro momento, e são outras circunstâncias, principalmente de valorização e conhecimento de si mesma, mas o imaginário ainda é muito forte e se faz presente na (re) produção da prática social “o sonho de toda mulher” “[...] à espera pelo príncipe encantado [...]”. Conclui-se, assim, que a realização de si própria, desvinculada da figura “do outro”, ainda está distante de acontecer e aí se pode perguntar: Seria essa a verdadeira comédia romântica? Seria essa a legalidade da figura feminina representada pelo tipo escolhido no filme?

E assim, após assistir ao filme pelo menos se pode refletir:

Certamente muitas dessas Virtudes (modéstia, resignação, submissão de uma parte, cinismo, desprezo, segurança, altivez, grandeza, o falar bem, habilidade) se aprendem também nas Famílias, na Igreja, no Exército, nos Belos Livros, nos filmes, e mesmo nos estádios [...]. (ALTHUSSER, 1992, 90).

[...] a representação ideológica da ideologia é, ela mesma, forçada a reconhecer que todo 'sujeito' dotado de uma "consciência" e "crendo" nas idéias que sua consciência lhe inspira, aceitando-as livremente, "deve agir segundo suas idéias", imprimindo nos atos de sua prática material as próprias idéias enquanto sujeito livre. Se ele não o fizer algo vai mal. (IDEM, ibidem).

REFERÊNCIAS

ALTUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. 6. ed. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso**: fundamentos semióticos. São Paulo: Atual, 1988.

LEGALMENTE LOIRA (Legally blonde). Direção: Robert Luketic. Produção: Ric Kidney e Marc E. Platt. Roteiro: Karen McCullah Lutz e Kirsten Smith, baseado em livro de Amanda Brown. Intérpretes: Reese Witherspoon, Luke Wilson, Selma Blair, Matthew Davis, Victor Garber, Jennifer Coolidge, Holland Taylor, Ali Larter e outros. Los Angeles (USA): MGM, 2001. 1 filme (96 min), son., color., 35 mm.